

SOBREVIVENDO NO INFERNO: CONTRA-NARRATIVAS UTÓPICAS EM *THE HANDMAID'S TALE*, DE MARGARET ATWOOD, E *PARABLE OF THE SOWER*, DE OCTAVIA E. BUTLER.

Alexander Meireles da Silva
Depto. LAG, UERJ
Lucia de La Rocque
LEAS, IOC, FIOCRUZ/ Depto. LAG, UERJ

Através dos séculos a literatura tem refletido o otimismo das utopias; no entanto, a gradual e crescente prevalência do pessimismo das distopias tem se evidenciado desde o final do século dezenove.¹ Como elemento perene nessa transformação, observou-se em ambas formas literárias a prevalência de um discurso masculino eurocêntrico cuja ideologia silenciou mulheres e grupos minoritários de forma geral por muitos séculos.² Desde os anos sessenta, porém, escritores como Samuel R. Delany Jr., Joanna Russ, Ursula K. Le Guin, Marge Piercy, Margaret Atwood e Octavia E. Butler entre outros, têm discutido temas variados relacionados à problemática de raça, gênero, sexualidade, e da linguagem como elemento de identidade em suas obras de ficção científica.³ Nas ficções distópicas, especialmente naquelas escritas por mulheres, tal característica resultou na criação de contra-narrativas utópicas que, por se oporem à hegemonia do discurso patriarcal dominante, foram chamadas de ‘distopias críticas’. Na definição de Raffaella Baccolini:

...by rejecting the traditional subjugation of the individual at the end of the novel, the critical dystopia opens a space of contestation and opposition for those groups (women and other “eccentric” subjects whose subject position hegemonic discourse does not contemplate....⁴

¹ BOOKER, M. K. *The Dystopian Impulse in Modern Literature* Westport: Greenwood Press, 1994. p. 17.

² STEPAN, N. L. & GILMAN, S. L. Appropriating the Idiom of Science: The Rejection of Scientific Racism. *The Bounds of Race*. New York: Cornell University Press, 1991. p. 78.

³ MOYLAN, Tom. *Scraps of the Untainted Sky*. Colorado: Westview Press, 2000. p. 67-107.

⁴ BACCOLINI, Raffaella. Gender and Genre in the Feminist Critical Dystopias of Katharine Burdekin, Margaret Atwood, and Octavia Butler. *Future Females, the Next Generation: New Voices and Velocities in Science Fiction*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2000. p. 18.

Os romances comparados neste artigo, *The Handmaid's Tale* (1985) da canadense Margaret Atwood, e *The Parable of the Sower* (1993) da afro-americana Octavia E. Butler são exemplos de distopias críticas cujas contra-narrativas utópicas são baseados em um personagem cuja recorrente presença se evidencia tanto na literatura canadense quanto na afro-americana: o sobrevivente.

Desde o nascimento da distopia moderna no início do século vinte com *Nós* (1920), de Eugene Zamyatin⁵ até filmes como *Matrix* (1999), a luta de um indivíduo contra uma sociedade opressora vem sendo a história mestra de toda distopia escrita ou filmada. Diferente da utopia, em que um viajante chega por acidente a esse mundo fabuloso e depois retorna ao seu país para reportar toda sua experiência, o protagonista da distopia já começa sua narrativa em media res dentro do mundo distópico.⁶ Geralmente este personagem começa a narrativa sem noção da sua condição de oprimido, mas a medida em que ele entra em contato com alguma força subversora, representada por outro personagem, grupo ou evento, ele experimenta: 1) alienação do restante do seu mundo; 2) oposição ao poder totalitário e; 3) a iminente derrota pelas mãos das instituições mantenedoras da ideologia dominante. Esse é o padrão seguido por *Nós* (1920) de Eugene Zamyatin, *Admirável mundo novo* (1932), de Aldous Huxley e *1984* (1948) de George Orwell, apenas para citar as distopias que moldaram as convenções literárias do gênero. Em todas elas a vontade de sobreviver a sua condição oprimida revela toda a relevância da figura do sobrevivente no enredo da distopia. Mas não é apenas nesse tipo de ficção que a sobrevivência ocupa papel de destaque. Como exposto pela escritora canadense Margaret Atwood, a sobrevivência é um símbolo que define o próprio Canadá.

⁵ BAKER, R. S. The Modern Dystopia: Huxley, H. G. Wells, and Eugene Zamyatin. *Brave New World: History, Science and Dystopia*. Boston: Twayne Publishers, 1990. p. 38.

⁶ MOYLAN, T. *Scraps of the Untainted Sky*. Colorado: Westview Press, 2000. p. 148.

Em seu livro *Survival* (1972), no qual discute as temáticas apresentadas pela literatura canadense, Margaret Atwood observa que toda cultura ou país é definido por um símbolo que funciona como um sistema de crenças que dá sentido à estrutura daquele povo ou nação. Para Atwood, um símbolo que possivelmente define a América é a ‘Fronteira’, um local de desafios a serem transpostos, palco de expansões e conquistas. A Inglaterra por sua vez encontra no símbolo ‘A Ilha’ sua mais perfeita representação de acordo com a escritora canadense. O castelo feudal, uma estrutura insular, é um microcosmo desse símbolo.

Atwood por fim considera que indubitavelmente o símbolo central que define o Canadá é a ‘Sobrevivência’.⁷ Assim como a ‘Fronteira’ e ‘A Ilha’, o sentido dado à ‘Sobrevivência’ varia de acordo com as circunstâncias históricas, sociais e individuais. Este pode ser físico diante de um ambiente hostil, e espiritual decorrente de fracassos e derrotas pessoais. O sobrevivente, como Atwood entende então, não tem vitória ou triunfo final, sua vida em si é sua única realização. Até mesmo o herói da literatura canadense é, segundo a escritora, de estirpe totalmente diversa do americano ou do britânico. Tal herói é falho ou realizador de feitos que não alcançam efeito social visto que ele mesmo apresenta posição dúbia quanto aos seus atos. Devido a esses fatores, o símbolo da sobrevivência, conforme defende Margaret Atwood em *Survival*, reflete a alma canadense com seus modelos de vitimização e sua resposta a eles. Esses mesmos pontos levaram feministas americanas dos anos setenta a considerar *Survival* como um livro sobre mulheres, mesmo que na concepção da autora não o seja. Ainda assim, Atwood entende esta relação, assim justificada: “women as Canadians have been colonized or have been the victims of cultural imperialism.”⁸. Essa consideração, de fato, está presente em suas obras. Talvez

⁷ ATWOOD, Margaret. *Survival*. Toronto: McClelland & Stewart Inc, 1972. p. 32.

⁸ DAVIDSON, Jim. Where Were you When I Really Needed You. *Margaret Atwood – Conversations*. Princeton: Ontario Review Press, 1990. p. 94.

em nenhuma outra cultura esta questão da sobrevivência tenha maior relação tanta com a da canadense quanta com a feminina que a representada pela literatura afro-americana.

A tragicomic vision of life, a tough-minded grip on reality, an extraordinary faith in the redemptive power of suffering and patience /.../ and the resistance to class, color, and gender domination, are the major sources of tension in the themes, and forms of the Afro-American novel.⁹

Considerando-se os temas e formas do romance afro-americano, observam-se alguns paralelismos entre os mesmos e a literatura canadense. Assim como nesta última, o símbolo da sobrevivência apresenta-se sob diferentes formas e versões. Sobrevivência para os afro-americanos significa o legado de escravidão, a esperança da emancipação, a aculturação em um novo continente e a adoção de uma religião estranha às suas práticas culturais entre outras manifestações. Os afro-americanos são, portanto, uma fusão de sua identidade ancestral e das experiências do Novo Mundo. Como W. E. B. Du Bois, historiador e sociólogo afro-americano, observou:

It is a peculiar sensation this double-consciousness, /.../ One ever feel his twoness, - an American, a Negro; two souls, two thoughts, two unreconciled strivings; two warring ideals in one dark body, whose dogged strength alone keeps it from being torn assunder.¹⁰

Marcada por essa tensão, a literatura afro-americana floresceu através de narrativas de escravos, histórias de sobrevivências, fábulas (trickster tales), oratórias e sermões. Como um dos elementos em comum a todas essas formas, existe um protagonista de impulsos messiânicos ou apocalípticos sendo vítima de restrição física ou psicológica que, motivado por alguma visão, luta ou se rebela na busca de reforma social ou auto-realização. Essa limitação e busca por liberdade alcançou expressão social nos anos sessenta com o movimento por direitos civis dos negros

⁹ BELL, Bernard. W. *The Afro-American Novel and Its Traditions*. Massachusetts: The University of Massachusetts Press, 1987. p. 20.

¹⁰ Ibidem, p. 12.

americanos, movimento este que acabou também por influenciar a luta feminina por direitos iguais.¹¹ Em *The Handmaid's Tale*, de Margaret Atwood e *The Parable of the Sower*, de Octavia E. Butler podemos ver na sobrevivência um elemento de integração entre a literatura canadense, a literatura afro-americana, a distopia e o feminismo adquirindo um sentido extra: a renovação da literatura distópica.

The Handmaid's Tale é situada em um futuro especulativo dos Estados Unidos onde uma teocracia militar assumiu o poder. Nessa nova ordem, chamada de República de Gilead, as mulheres são desprovidas de todos seus direitos individuais e sociais e são divididas por castas com funções específicas. O romance foca em uma mulher da casta das 'Aias' (Handmaids). Devido às baixas taxas de natalidade derivada de acidentes radioativos e ecológicos, as Aias - mulheres supostamente férteis solteiras, divorciadas ou provenientes de casamentos ilegítimos - se tornaram propriedade do Estado, tendo como obrigação a de gerar novos membros para a sociedade. Elas são doutrinadas pelas 'Tias' e são designadas para novas residências onde um Comandante, a figura máxima de poder, irá possuí-las em cerimônias diante da presença de sua mulher infértil, a 'Esposa'. Offred, patronímico composto do pronome possessivo 'Of' ('De' em Inglês), e o primeiro nome do Comandante que a possui, 'Fred', é a narradora do romance. Vivendo sob constante observação de diversos agentes opressores, Offred relata suas experiências diárias, suas memórias e suas expectativas enquanto luta para sobreviver. Sobrevivência é, alias, palavra chave em *The Handmaid's Tale*, como se observa ao compararmos a protagonista a sua própria mãe e a Moira, a amiga homossexual.

¹¹ Ibidem, p. 239.

“Mother, I think. Wherever you may be. Can you hear me? You wanted a women`s culture. Well, now there is one. It isn`t what you meant, but it exists.”¹² As lembranças de Offred sobre sua mãe ao longo do romance retratam uma ativista cujas reivindicações feministas, ao serem implantadas pelos militares de Gilead, trazem uma irônica constatação para Offred: tão perigoso quanto à opressão patriarcal é o feminismo radical. Dona de um ponto de vista onde homens são apenas, “a woman`s strategy for making other women” (p.155), sua mãe termina seus dias como uma ‘não-mulher’ (unwoman), trabalhando com despejos tóxicos em uma irônica inversão de seu radicalismo. A melhor amiga de Offred, Moira, também é vítima das mesmas opiniões da mãe da protagonista. Sua resistência à ordem patriarcal se dá pela sua opção homossexual, algo que a leva a desejar um utópico mundo somente de mulheres. Semelhante ao caso da feminista, porém, essa atitude leva a personagem a um inglório fim: Moira torna-se uma prostituta no bordel sustentado pelo poder de Gilead. Nele, ela convive e tem relacionamentos sexuais com as demais mulheres em uma bizarra versão de sua utopia feminista. Como ela mesmo reconhece: ““it`s not so bad, there`s lots of women around. Butch paradise, you might call it.”” (p.324)

A representação da mãe e amiga de Offred como opositoras a uma sociedade totalitária condiz com a usual figura do rebelde presente nas convenções literárias das distopias e utopias feministas dos anos setenta.¹³ Seus destinos finais, no entanto podem indicar uma crítica de Margaret Atwood a extremismos, não importando o quão nobre sejam os objetivos finais por trás dos mesmos. Uma alternativa que Atwood parece propor, tanto como uma crítica a radicalismos quanto como uma contra-narrativa utópica dentro do texto, é vislumbrada na personalidade e

¹² ATWOOD, Margaret. *The Handmaid`s Tale*. New York: Fawcett Crest, 1985. p. 164. Citações subsequentes pertencem a esta edição e aparecerão no texto identificadas pelo número da página.

¹³ BACCOLINI, Raffaella. Gender and Genre in the Feminist Critical Dystopias of Katharine Burdekin, Margaret Atwood, and Octavia Butler. *Future Females, the Next Generation: New Voices and Velocities in Science Fiction*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2000. p. 16-17.

ações de Offred como uma sobrevivente. Na definição de Raffaella Baccolini, Offred, “...lacks courage, tends to compromise, and is full of unsolved contradictions and selfish fears.”¹⁴ Offred é, nesses termos, uma heroína canadense com todas as suas contradições e fraquezas. Diferente de sua mãe e Moira, ela consegue sobreviver a Gilead através de seu comportamento ora dúbio, ora omissivo. Em sua autocrítica, ao se comparar com Moira, por exemplo, Offred confessa: “I don’t want her to be like me. Give in, go along, save her skin. That is what it comes down to.” (p.324) Ao tomarmos conhecimento que sua narrativa é derivada de gravações, entendemos que ela sobreviveu não somente em corpo mas também em alma pois ela se mostra capaz de fazer uso da linguagem de maneira crítica, reconstruindo suas lembranças através de trocadilhos, ironias, e reflexões que subvertem a ideologia patriarcal e sugerem que o equilíbrio entre homens e mulheres é um objetivo possível. Nesse equilíbrio se encontra, em meu ponto de vista, a contra-narrativa utópica da autora. Frisemos aqui, ainda, que em nenhum momento no texto Margaret Atwood sugere que a solução dos problemas abordados pelo feminismo passa pela postura omissa e até mesmo conivente apresentada por Offred. Ao contrário, através de todo o romance, a autora de *The Handmaid’s Tale* alerta sobre os perigos de posições extremadas, sejam elas radicalismo ou omissão. Se Offred difere do estereotipo dos bravos heróis das distopias de histórias em quadrinhos, romances e filmes, essa diferença retrata, em meu ponto de vista, uma renovação crítica da canadense Margaret Atwood das convenções literárias (masculinas) da literatura de distopias através do símbolo da sobrevivência. Mas a força do sobrevivente como elemento de renovação literária não ocorre apenas por esta representante da literatura canadense; a sobrevivência também é palavra chave para se definir a protagonista afro-americana de *The Parable of the Sower* (1993).

¹⁴ Ibidem. p. 22

Semelhante a *The Handmaid's Tale*, o romance de Octavia E. Butler também apresenta uma especulativa visão do futuro dos Estados Unidos como palco para a narrativa. Mas, se Atwood constrói sua distopia mostrando um Estado totalitário à moda de *1984*, Butler escolhe outro típico cenário distópico assim definido metaficcionalmente pela protagonista: “Cities controlled by big companies are old hat in science fiction. /.../ The company-city subgenre always seemed to star a hero who outsmarted, overthrew, or escaped ‘the company’.”¹⁵ Utilizando-se da mesma estrutura da distopia de Atwood, Butler nos traz o diário de Lauren Olamina, uma afro-americana que vive com sua família na comunidade fechada de Robledo em Los Angeles. Cercados por gangues e pela anarquia em que se transformaram os Estados Unidos com a falência das instituições governamentais, as famílias de Robledo procuram sustento e proteção por seus próprios meios. Desde o início da narrativa, Lauren mostra preocupação com a acomodação das pessoas em relação ao futuro e, em especial, com suas próprias seguranças. Motivada por inquietações religiosas que a fazem criar uma nova concepção de Deus, Lauren decide se preparar para sobreviver em caso da destruição de seu lar. Essa destruição de fato ocorre e toda sua família é assassinada por gangues. Lançada em um ambiente hostil com mais dois sobreviventes do massacre, Lauren passa por diversas adversidades a medida em que se torna a líder e guia espiritual de um crescente grupo de pessoas que almejam encontrar um novo local para se estabelecer. Nessa breve apresentação da protagonista de *The Parable of the Sower*, é inquestionável o reconhecimento dos elementos que compõem a tradição da literatura afro-americana mencionados anteriormente, elementos estes que também se apresentam como uma contra-narrativa utópica de Butler às convenções da distopia.

¹⁵ BUTLER, Octavia. E. *The Parable of the Sower* New York: Warner Books, 1993. p.110. Citações subseqüentes pertencem a esta edição e aparecerão no texto identificadas pelo número da página.

“Everyone who’s surviving out here knows things that I need to know,” I said. “I’ll watch them, I’ll listen to them, I’ll learn from them. If I don’t, I’ll be killed. And like I said, I intend to survive.”” (p. 154). A decisão de Lauren tomada logo após a queda de sua comunidade evoca todo o legado de africanos que, desde a chegada ao Novo Mundo, vêm tentando sobreviver a todo custo. Essa herança se traduz no comportamento ora pragmático, ora místico que a define como uma personagem do romance afro-americano e que se apresenta no texto sob duas maneiras.¹⁶ A primeira é a adaptação às circunstâncias adversas de forma a sempre levar vantagem, não importando os meios, sobre adversários ou ambientes mais poderosos, um traço que claramente se baseia nas histórias do coelho Br`er, um trickster recorrente do folclore Afro-americano. Nessa interpretação, Lauren é um trickster que, como tal, não segue a tradição Ocidental onde o herói é um nobre ser de princípios irretocáveis contra um sistema violento.¹⁷ Na dura realidade de Lauren, roubo, violência e até morte são recursos usados pela protagonista como preço para a sobrevivência, prêmio máximo do trickster. Essa mesma realidade, contudo, leva ao segundo traço desta heroína afro-americana: a necessidade de se acreditar em algo superior ao plano mortal que traga esperança para as dificuldades do dia a dia, uma necessidade que se manifesta no comportamento messiânico de Lauren como líder de uma nova crença religiosa que tem na diversidade sua principal característica. Sendo ela mesma um produto da tensão de diferentes culturas, Lauren valoriza as diferenças derivadas da diversidade racial, sexual, social e cultural dos membros de seu grupo como princípios de sua religião e de sua visão de mundo. Acreditando assim na desordem, na mudança advinda das diferenças que formam a espécie humana como meio transformador do social, Butler subverte a estrutura do texto utópico

¹⁶ BELL, Bernard. W. *The Afro-American Novel and Its Traditions*. Massachusetts: The University of Massachusetts Press, 1987. p. 31.

¹⁷ ROBERTS, J. W. *The African American Animal Trickster as Hero. Redefining American Literary History*. New York: Voice of America Forum Series, 1990. p. 98-99

baseado na ordem e na estabilidade que revela a influência de uma ideologia científica centrada em um discurso patriarcal eurocêntrico.¹⁸ Através desta dialética entre a necessidade pragmática da realidade e a persistência advinda de uma crença religiosa, Butler mostra como a literatura afro-americana pode oferecer estratégias de resistência ao discurso patriarcal da distopia.

Oriundas de culturas cuja história se mostrou por tantas vezes tão opressora e sem esperança quanto as distopias da ficção, Margaret Atwood e Octavia E. Butler utilizam em seus respectivos romances *The Handmaid's Tale*, e *The Parable of the Sower* o símbolo da sobrevivência presente nas literaturas canadense e afro-americana para renovar as convenções da distopia. Ainda que de formas diferentes, a sobrevivência incorporada por Offred e Lauren Olamina representa a crença no diálogo, na aceitação das diferenças, na recusa de respostas fáceis, enfim, de se acreditar que até mesmo no pior pesadelo pode existir a semente do sonho.

¹⁸ STEPAN, N. L. & GILMAN, S. L. Appropriating the Idiom of Science: The Rejection of Scientific Racism. *The Bounds of Race*. New York: Cornell University Press, 1991. p. 89.